REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

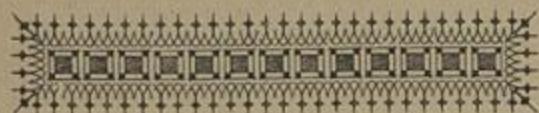
22.º Anno — XXII Volume — N.º 730

10 DE ABRIL DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Foi no sabbado de alleluia, reabertos os theatros, quando ainda no ar resoavam os ultimos repiques dos sinos, por tres dias emmudecidos, quando a cidade voltava á costumada vida, com mais vontade ao prazer depois do jejum forçado, foi no meio da festa, pelas ruas cheias de gente, pelos theatros, pelos cafés, que a noticia se espalhou.

«Morreu o Papa!»

Não ha coisa mais complicada do que a geração, a criação, o desenvolvimento d'uma peta.

Afiançam-se com a maior desvergonha pormenores que dão evidencia á affirmativa.

Todos sabem tudo de fonte limpa.

Porque é sempre assim. Se ainda é muito duvidoso que a Verdade alguma vez sahisse d'um poço, nada mais certo do que nascer a Mentira de fontes limpissimas.

E discutia-se o caso e todos tinham opiniões.

Mas o egoismo de cada um falava tambem altissimo. Ninguem queria que o Papa tivesse morrido, a ninguem convinha. Eram os theatros fechados no melhor da estação, eram os feriados perdidos. Morrer o Papa, quando está a Maria Guerrero em Lisboa! Morrer o Papa durante as ferias...!

Podia lá ser!

E felizmente não foi. O santo velhinho, tão sympathico a todos, um dos maiores homens do seculo, ainda está vivo no Vaticano. Velho, achacado, fraquissimo de corpo, mas de espirito sempre lucido, Leão XIII ainda abençoa os seus filhos.

Mas porque foi a atoarda?

Um dos melhores contos de Alphonse Daudet intitula-se: *Le Pape est mort.*

É uma mentira tambem, a peta d'um pequeno, que faz gazeta á escola, recolhe mais tarde para casa e quer com uma noticia de sensação afugentar perguntas, furtar-se a explicações.

Que deliciosas são essas paginas de Daudet! Que lindas paizagens, que alegrias de criança n'aquelle barquinho deslisando pelas aguas tranquillas!

E as afflicções dos paes! Que sentidos necrologios ao virtuoso Pio Nono!... E o pequeno arrependido, cheio de remorsos...

Se o Papa leu alguma vez aquellas paginas devia de ter rido, de ter abençoado de todo o coração aquelle garotito, que, mais tarde, devia de ser um dos maiores escriptores da França.

Diz-se que uma falsa noticia de morte é, como o sonhar com mortos, signal de vida.

Assim seja, visto que muitas vezes sobradas esperanças de vida são máo prenuncio de morte.

Bem de temer, e a todos engana, é essa esperança, mentirosa sempre, a qne chamam a visita da saude.

Dura por horas nas doenças rapidas, ás vezes dias nas doenças prolongadas.

Foi o que, ainda ha pouco, succedeu com o conhecido jornalista Marianno Pina, que foi colhido pela morte, quando familia e amigos maior confiança demonstravam d'uma rapida cura.

Soffrendo ha muitos annos d'uma tuberculose, que por vezes o impediu de trabalhar, encontrára ultimamente alivios com um tratamento novo e nos ares milagrosos do Estoril.

Era um trabalhador infatigavel.

Estreiára-se no antigo *Diario da Manhã* dirigido por Pinheiro Chagas, e fôra durante annos correspondente em Paris da *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro. Ali fundou a *Illustração*, um dos mais bellos jornaes publicados em lingua portugueza. Em Lisboa fundou o *Nacional*, que teve curta vida e o *Espectro* de que poucos numeros

THEATRO DE D. AMELIA

A ACTRIZ MARIA GUERRERO

Vid. *Chronica Occidental*

sahiram. Era ultimamente o redactor gerente do *Jornal do Commercio*.

Activo e intelligente, soubera criar amigos, que bem demonstraram na hora do enterro o sentimento, que lhes produziu a morte do companheiro de trabalhos.

Paz á sua alma.

O Estoril é lindo logar, no ponto mais pittoresco da bahia de Cascaes. Ha meia duzia de annos tinha meia duzia de casas. Hoje é o ponto mais frequentado dos arredores de Lisboa. Os pinhaes cresceram pelas encostas, n'elles se foram pouco a pouco edificando as casas. São quasi todas de pessimo gosto, sem caracter, *chalets* horriveis sem razão de ser. Mas o grupo ao longe é risonho entre a folhagem verde-negra, sob o céu muito azul, á beira-mar.

Buscando os beneficios d'aquelle ar purissimo, vão para ali os doentes em busca da almejada convalescença. Salvam-se muitos, outros vão muito tarde. E vai acontecendo ao Estoril o que a todas as terras onde a saude habita; vai-se enchendo de cruzes negras; os pinheiros vão ageitando as formas ás dos ciprestes e gemendo quando docemente sopra a brisa do mar nas tardes melancolicas.

Estamos na primavera, má estação para os tisicos, que tantos baixam em abril á terra, que enche de flores roxas as olaias, de lindos cachos brancos perfumados as acacias.

São as flores que mais nos é dado ver agora em Lisboa, saudosos d'esses campos em que tudo é risos, alegrias, esperança e vida. Contentemo-nos com esse pouco, com as flores nos jardins, que tambem são perfumadas como são cantores os passaros na gaiola, com as arvores da Avenida onde os pardaes chilreiam, com os cantinhos de verdura que scintilla ao sol da tarde n'essas encostas por entre as casarias.

Ainda temos felizmente por ahi com que olvidemos por momentos os ditosos, que já abriram as azas feitas de notas de banco e se foram voando por esses campos fóra sob o azul esplendido.

Os da cidade por emquanto ainda são filhos de Deus. Luz, perfumes, harmonias, instantes deliciosos, que a arte nos trouxe na ausencia da natureza, não nos teem por cá faltado agora.

Maria Guerrero, a primeira actriz do *Theatro Hespanhol* de Madrid tem estado entre nós. Grande artista, companhia de primeira ordem. Noites inolvidaveis no theatro de D. Amelia.

Raras vezes em Portugal teriam sido representadas as grandes peças do theatro classico hespanhol; nunca, por certo, o foram tão artisticamente. Não póde haver maior prazer para o espirito do que assistir a um d'esses espectaculos da *Niña Boba*, de *El desden con el desden* ou de *El Vergonzoso em Palacio*, que a companhia de Maria Guerrero acaba de pôr em scena com carinhoso cuidado.

Mas não só essas peças merecem elogiosa referencia, não só essas foram gloria para Guerrero e Fernando Diaz de Mendoza. No theatro moderno hespanhol ha obras primas e o publico poude applaudir, juntamente com os interpretes algumas peças de Codina, de Guimerá, de Echegaray.

É uma consolação para a alma vêr representar assim; os olhos maravilham-se, os ouvidos encantam se.

Uma figura de Velasquez, por milagre, recebeu uma alma nova, desceu do quadro e veio deslumbradora, cantar-nos, com um sorriso divino, as quintilhas preciosas de Moreto. Uma outra noite foi a mulher de Manelich, mulher do povo cheia de paixão, que nos contou, obrigando os olhos a uma lagrima, a historia triste da mãe ceguinha, que, ainda depois de morta, estendia a mão a pedir esmola Foi outra noite a doce, mas leviana, apaixonada amante do homem que tinha na fronte um estigma fatal, que nos fez com graça infinita aquella deliciosissima scena da confissão, uma das melhores de Echegaray. E sempre, e na *Marianna*, e na *Dolores*, e sempre, Maria Guerrero nos encantou, pois este é o verbo que para tão requintada artista deve empregar-se. E quanto nos encanta fica acima da discussão.

Todas as paixões humanas teem n'ella uma fidelissima interprete. Ninguem desenha melhor, com traço mais firme. A recitar, a dizer versos é impeccavel. É linda a musica de sua voz, encantador o sorriso, eloquente o olhar, faiscante ou dulcissimo, colerico ou desdenhoso, ironico ou atrevido.

O movimento d'aquellas personagens é o da vida. As almas sentem, os corações batem, os nervos vibram, o sangue corre. Não são titeres movidos por mãos sabidas no agrado do publico.

Mas não só á eximia atriz, gloria de Hespanha, devemos o enthusiasmo com que todas as noites applaudimos as melhores obras dos grandes escriptores antigos e modernos, que tão alto na historia do theatro ergueram o nome hespanhol.

Toda a companhia merece uma referencia elogiosa, contando artistas de subido valor, que mais se evidenciaram, lonje da luz deslumbrante, em pequeninas comedias, que acompanharam as recitas da *Niña Boba*, da *Tierra Baja*, de *El desden com el desden*, da *Dolores*.

Mas entre elles destaca-se, pelos dotes naturaes de artista, cultivo de intelligencia e primorosa dicção, Fernando Diaz de Mendoza, um fidalgo que abandonou a carreira diplomatica por uma attracção irresistivel para a arte... e uma paixão por Maria Guerrero.

Ao lado d'ella representa os primeiros papeis e obriga os applausos justissimos. Não é marido da Guerrero, como tantos maridos ha de cantoras e de amas de leite. É innegavelmente um artista, um grande artista.

Ha quatro annos apenas que se estreiou. A educação intellectual, que levava comsigo na bagagem para essa viagem perigosa, decerto lhe valeu muito; mas está ali evidentemente uma natureza artistica e, dentro de algum tempo, Diaz de Mendoza será dos nomes mais illustres no theatro.

E assim quasi terminou a estação de inverno. Uma chave d'oiro.

A companhia de Maria Guerrero partiu para a America. As companhias portuguezas dos theatros D. Amelia, D. Maria e a de Lucinda Simões brevemente partem em giro artistico pelas provincias do norte.

Poucos theatros ficam abertos em Lisboa durante os mezes de maior calor. Taveira virá com a sua companhia para o theatro da Trindade e aqui se demorará, emquanto Sousa Bastos estiver no Brazil. Deve fazer um verão magnifico.

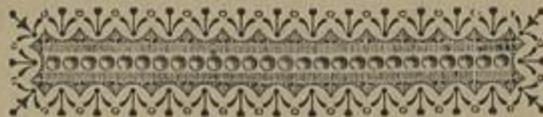
Mas o campo é que voltou a ser o pensamento dos felizes, que podem fugir d'estes calores horriveis, que os asphaltos, o macadam, as calçadas da cidade começam a concentrar. Uma charneca em abril é mais bella que o mais bello dos boulevards.

Olham uns para o campo com olhos de poeta, outros estudando o que n'elle podem explorar. Uns cantam-lhe as flôres, outros cultivam-lhe os fructos.

E bem preciso é que as attenções se voltem para a agricultura, se é certo, como muitos dizem, que Portugal, essencialmente agricola, tem nos seus campos fonte segura de regeneração.

O sr. dr. Luiz de Magalhães inaugurou na noite de 6 d'este mez a serie de conferencias, que hão de realisar-se na sede da Real Associação Central de Agricultura Portugueza. Seguir-se-hão outras dos srs. Jayme de Magalhães Lima, Paulo Choffat e Miguel de Oliveira Fernandes.

A terra, nossa mãe, está velhinha. É preciso que cuidem d'ella. Quando ella se enfeita, cantamos-lhe madrigaes, mas isso não basta. Não é só com palavras que se demonstra amor.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

PORTA DA EGREJA DA CANDELARIA NO RIO DE JANEIRO, MODELO DE TEIXEIRA LOPES

A egreja da Candelaria, no Rio de Janeiro, é um dos templos mais sumptuosos d'aquella capital e cuja construcção tem levado mais de um seculo, tantas tem sido as alterações feitas á primeira traça, no sentido de alargar e engrandecer o primitivo projecto de reconstrucção [1].

Essa reconstrucção chegou, emfim, ao seu termo e apenas faltam alguns embelezamentos com que a irmandade d'aquella egreja mais quer enriquecer tão magestosa fabrica.

Entre esses contam-se as tres portas principaes do templo, que deverão ser de bronze em altos relevos e para esse fim abriu ha dois annos, a illustre irmandade, um concurso internacional para a apresentação de modelos das ditas portas.

Concorreram artistas de varios paizes, mas para gloria da arte portugueza, foi preferido o projecto de um artista portuguez, cujo talento é já reconhecido e bem notorio, o sr. Teixeira Lopes, auctor da imagem de Santa Izabel, um dos maiores primores da esculptura de nossos tempos, da Viuva, outra esculptura notavel que revelou um artista de genio e tantas mais obras que honram o illustre esculptor portuense.

A nossa gravura reproduz o modelo approvado, e basta attentar n'elle para reconhecer a justiça da preferencia, pois será difficil exceder consepção mais grandiosa e mais artistica.

Ao sr. Teixeira Lopes foi tambem adjudicada a execução do projecto por 4:000 libras.

Os modelos concluiram-se ha pouco e vão ser enviados para Paris, onde será feita a fundição, devendo estar tudo prompto para figurar na proxima exposição de 1900.

D'aqui felicitamos o sr. Teixeira Lopes pela sua bella obra, que é mais uma manifestação gloriosa da arte nacional, e a illustre irmandade da Candelaria pelo acerto com que procedeu premiando o talento e adquirindo para o sumptuoso templo mais um primor d'arte.

[1] Vid. Vol. XIX do *Occidente* pag 108.

AS OVARINAS

É uma raça especial, robusta e bella que, como as andorinhas, na primavera, invadem Lisboa chilriando alegremente e trabalhando sem descanço no arranjo do seu ninho, assim as ovarinas veem em bandos para a capital ganhar a vida em trabalho honrado. Em geral são formosas, mas diga-se para sua honra, não é d'esse precioso dote da mulher que tiram partido, mas da robustez dos seus musculos, da actividade da sua vida, deitando-se ao trabalho por mais violento que seja.

O principal emprego da ovarina, em Lisboa, é o da venda de peixe pela cidade, mas quando o não ha, ella não se quêda; o seu animo, não lhe soffre estar á espera do que ha de vir; procura logo em que empregar a sua actividade. Vae para a descarga do carvão de pedra, vae trabalhar em desaterros cavando ou carregando, e se não consegue arranjar trabalho assim, volta-se para a venda de quaesquer generos pelas ruas da cidade, de modo que sempre ganhe o seu dia, e depois de toda a lida diurna, é vel-a á noite cuidar do arranjo da casa, fazer a ceia, ir buscar agua ao chafariz, em grandes bilhas á cabeça, cantando e rindo com as companheiras.

Se são casadas e teem filhos — e raras são as que os não tem — as criancinhas não impedem que ellas continuem nos mesmos trabalhos, e assim com os filhinhos ao colo ou pela mão lá andam lidando no seu commercio.

Em as noites de Santo Antonio, de S. João e de S. Pedro, as ovarinas dão a nota alegre da cidade com os seus descantes e bailados pelas ruas e praças, especialmente no Rocio e no mercado da Praça da Figueira. A festa do Senhor da Serra é tambem outro dia de regosijo para as ovarinas. Vão todas para Bellas em alegre romaria com os seus homens; algumas em carroças enfeitadas de flores e chitas de ramagens, outras a pé calcurreando por essas estradas não menos de quinze kilometros, dançando e cantando pelo caminho, e assim como vão veem, sempre alegres e incansaveis, descalças ou de tamanquinhas, sustentando nos quadris bem reforçados, suas numerosas e fartas saias que lhe dão pela tibia, e sobre o farto collo, onde se avolumam os seios pertruberantes, bastos cordões de ouro, contas, corações, cruzes, Nossas Senhoras do precioso metal, como em taboleta de ourives, recamando-lhe o corpete avivado ou a camiza de mangas ao punho com seus cabeções bordados. Das orelhas pendem-lhe grandes arrecadas de filagrana ou até de ouro massiço e a emmoldurar-lhe o rosto collorido e vivo, um lenço de seda de côres vistosas, pontas cahidas, saindo-lhe de sob o chapeu redondo que lhe completa o traje.

É assim a ovarina nos seus dias de festa, e ainda nos dias de faina o seu porte e traje é sempre de ver, como a descreve Bulhão Pato, n'estes graciosos versos:

(GEORGICA)

Com a sardinha empilhada
Inda saltando vivaz,
Vem de cestinho, avergada,
Vem lá de baixo, da praia,
E sóbe a pino o almaraz...
Mas nem por sombras cançada!
Córada ao sol, e puchada,
Faz vista de nova a saia!

Descalça. O pé regular
E brunido pela areia
D'essa arribas do mar.

Não se póde chamar feia,
Descahida e farta a trança,
Affrontada do calor,
O lencito desatado,
E os beiços com tanta côr
Como a d'um cravo encarnado:
— A mocidade é uma flôr!

Magrinha; mas que vigor
No seu passo de balança.
E, para apressar os passos,
São duas azas os braços!

A venda deve ser bôa
Que ha muito que o mar não dá...
Com que alvoroço apregôa:
«Sardinha fresca!... frês-quiá!...»

Vêm as outras companheiras
Mais atrazadas. A'vante,
Ao Monte por essa encosta,
Ao Monte, ao Pragal e adiante
Que ha muito que o mar não dá...
«Sardinha fresca! da Costa!
Viva da Costa!... Frês-quiá!...»

Bulhão Pato.

O TESTAMENTO DO POPULARISSIMO PINTOR

Pedro Alexandrino de Carvalho

I

Um dia, ha já alguns annos, conversando com aquelle distincto artista e nobre coração que se chamou Antonio Januario Corrêa, [1] que tão bellas provas de talento e de gosto nos deixou nos frescos magnificos que distinguem, hoje ainda, tantas residencias de campo nos arredores da capital, [2] dizia-nos elle, ácerca de Pedro Alexandrino:

— Não é a respeito do Pedro, com certeza, que se póde repetir o pittoresco annexim:

O dinheiro dos pintores
Vae-se em bolos e licores.

Pedro Alexandrino *fez casa*, é sabido. Deixou bens de fortuna, e lembro-me que andando ha annos a refrescar o tecto da egreja da Povoa de Santo Adrião, vi o chafariz que ainda na terra está em tradição ter sido mandado fazer por elle, no muro de uma quinta de que elle fôra proprietario n'aquella freguezia.

Como adiante veremos, a tradição, d'esta vez, andava bem orientada. Pedro Alexandrino allude, com effeito, em seu testamento, á *sua quinta*, sem, todavia, dizer onde ella fôsse. A informação de Antonio Januario, confiada á nossa simples memoria, subministrou, tempos depois, modo de apurar alguns pormenores que a este respeito se ligam.

Deixou, de facto, o auctor do quadro do *Salvador do Mundo* alguma cousa que testar, e mais lusido seria ainda, a testemunho seu, o seu testamento, se não viesse a terrivel invasão franceza paralysar as encommendas, e affrouxar o zêlo artistico de uma parte da sua clientélla; — os frades. — Os frades, de quem ficou ao artista a alcunha pictoresta, pela qual foi conhecido da sua epocha: — «*Pintor dos frades*».

Tratando de Pedro Alexandrino, diz José da Cunha Taborda, em seu *Ensaio Pictorico*:

«Não podemos ver sem assombro as immensas pinturas, que ornam quasi todas as igrejas d'esta capital, e muitas do reino. Ellas nos offerecem claro testemunho da grande promptidão e engenho, que admiramos em Pedro Alexandrino de Carvalho.»

E mais adiante, desculpando-se de não fazer a resenha de seus quadros, repete: «porque são em grande numero os que adornão a maior parte das igrejas novas d'esta capital...»

Raczynski diz, no capitulo em que faz o inventario dos quadros dos templos lisbonenses: «tenho já visto tantos quadros d'este auctor, que me dispenso de ir ver mais estes». (os da Magdalena).

Ao conde haviam já assegurado que Pedro Alexandrino pintara *mais de mil quadros*.

Não é impossivel, com effeito que a asseveração tenha fundamento, dada a prodigiosa, e tambem *fatal* facilidade com que o nosso artista manejava os pinceis. Aqui temos o Cyrillo attestando o facto, ao contar que o viu «começar hum grandissimo quadro no tecto de uma igreja, pela pequena cabecinha de um serafim, e proseguil-o até o fim, sem precisar tornar atraz para correcção, affirmação ou accordo».

Este segredo que Pedro Alexandrino achara para captivar a Fortuna, tendo sempre que fazer quasi até o seu ultimo dia, herdara-o elle de um de seus mestres, o velho André Gonsalves, cujo colorido, agradavel mas brando, a nosso ver, muito imitou tambem o discipulo.

Como o pintor da Madre de Deus, [1] que, depois de Bento Coelho, fôra considerado o mais fecundo artista que haviamos tido, Pedro Alexandrino possuiu em grau eminente o talento de agradar ao publico. D'ahi a origem da sua grande popularidade.

Dotado de excepcional presteza, o Pedro tratou, pois, de aproveitar a corrente da bemquerença que o favorecia, resolvendo ao contrario de outros seus contemporaneos, eleger, por seu Mecenas aquelle senhor soberano que faz e desfaz as reputações, que distribue a gloria ou o olvido, que paga, generoso, a quem o entende, a quem o serve, sem exigir mais da pessoal independencia do que ella póde com dignidade conceder; — Pedro Alexandrino, grato ao Povo, para o Povo resolveu trabalhar. Como o mestre, cujo *processo* seguiu, tanto no modo de pintar, como no teor de vida, do Pedro se póde dizer que *soube viver*, porque a tudo se accommodou, com geral aprasimento e bom nome para a Historia da Arte.

Considerando as circumstancias difficeis, em meio das quaes se havia produzido o talento de Bento Coelho, escrevera Cyrillo:

«Restava portanto só a Religião que pudésse manter algum pintor, mas como? Pintando muito por pouco dinheiro, e he o que aconteceo a alguns pintores já nomeados, e mais ainda a Bento Coelho, de quem se diz que fizera tantos quadros, quantos forão os dias que vivera».

Pedro Alexandrino, que teria podido, acaso, se por outro norte se houvera governado, exceder, talvez, o auctor do quadro das *Sagradas Formas*, na perfeição das suas télas e nos meritos da sua execução, preferiu antes excedel-o na *producção*, com sacrificio da *qualidade*. Nada regeitava. Ia a tudo, e a tudo se accommodava. Com a mesma diligente boa vontade com que executava os tectos, se sentava diante dos pannos das cadeirinhas e dos coches, cujas portinholas pintou com maestria insigne.

Familiarisado com todos os processos, zombando das difficuldades que se antolham aos que não teem o genio expedito, pintava a fresco ou a tempera com desembaraço egual ao que empregava, pintando a oleo. Nem o atemorisavam as grandes composições, nem desdenhava dos pequenos assumptos. Tudo tinha seu preço; tudo se faria conforme as posses de quem encommendasse. Caso era haver quem.

Por isso, lá em cima, estendido ao longo da esteira, companhia inseparavel do pintor decorador, ia elle despregando de sob um pincel, cuja espontanea facilidade não tinha rival, as Glorias e Empyreos povoados de figuras de Bemaventurados e de grupos de anjos que os recebem e os vão conduzindo até ao throno do Eterno, em glorioso percurso, com a mesma facilidade, com a mesma presteza, com a mesma harmonia graduada e dôce, e tambem com a mesma frouxidão um tanto desanimada e monotona, que ficaram como caracteristico da sua obra, com que, na officina, opulentava os ricos paineis das carruagens de gala da côrte, engalanadas de phantasiosas scenas mythologicas, nas quaes o mimo e elegancia dos seus genios e dos meninos alados, que, por testemunho do seu biographo, collega e amigo, Cyrillo Volkmar Machado, ninguem com mais graça do que elle soube pintar, não formavam, decerto, o mais somenos de seus merecimentos.

Tudo isto, porém, «por pouco dinheiro», tal qual o seu nomeado, e muito mais do que elle, palaciano antecessor Bento Coelho.

(Continúa)

Gomes de Brito.

[1] Em 1880, no salão de pintura do theatro de D. Maria II, onde Antonio Januario pintava o grande panorama de Lisboa, que percorreu as principaes cidades do Brazil, sendo alvo do maior enthusiasmo e objecto de grandes encomios na imprensa do antigo imperio.

[2] Lembremos tambem as salas de bilhar do caffé *Manoel Hispanhol*, na rua do Arco do Bandeira, onde Antonio Januario pintou as principaes scenas dos *Tres Mosqueteiros*, com brilho e vigor dignos de perduravel memoria; pinturas que os da actual geração já não conheceram.

[1] Vida de José do Egypto, na sacristia; Rainha e Senhora dos Anjos, no tecto da capella-mór.

RETRATO DE JESUS CHRISTO

— «Appareceu em nossos dias um homem de grande virtude, chamado *Jesu-Christo*, o qual ainda vive entre nós. Os gentios o tem recebido como um propheta da verdade, mas os seus discipulos lhe chamam *Filho de Deus*. Resuscita os mortos e cura todo o genero de enfermidades. A sua estatura é mais que mediana, o seu porte é tão circumspecto, a sua presença tão veneranda que todos ao vel-o o amam e o temem. Tem o cabello castanho basto e liso até ás orelhas, mas d'ahi para baixo a côr é mais loura e annelado, cahindo-lhe ondeado sobre os hombros e dividindo-se ao meio da testa á maneira dos Nazarenos. Tem a testa lisa e mui fina e em seu rosto não se divisa mancha nenhuma, nem signal ou ruga aformoseando-o uma bella côr rosada. No nariz e na bocca não se lhe encontra defeito algum. Sua barba, um tanto espessa, comprida e macia é da côr do cabello e tem a forma d'um garfo; a sua phisionomia revela innocencia e juizo e os seus olhos são pardos, claros e vivos. Quando condemna é terrivel, quando reprehende ou admoesta é cortez e moderado nas expressões. Em sua conversação é agradavel e cheio de gravidade. Ninguem o viu jámais rir, porém muitos o tem visto chorar. As proporções do seu corpo são excellentes, as mãos e os braços são o mais formoso que se póde ver. No fallar é modesto e sobrio. Homem de singular belleza que excede a todos os filhos dos homens.»

Este documento, curioso e interessantissimo, e sem duvida um dos valiosos para a historia ecclesiastica, existia ainda ha setenta annos em poder d'um fidalgo irlandez de appellido Massareen.

Em 1820 foi publicado este curioso manuscripto em Inglaterra, declarando o jornal que o inseriu ser uma carta autographa dirigida ao Senado de Roma por *Publio Lentulo*, presidente da Judéa no reinado de Tiberio Cesar.

Jesus-Christo foi morto e crucificado tres annos e alguns mezes antes do fallecimento do imperador romano *Claudio Tiberio Nero*, este feroz e sanguinario successor d'Augusto a quem os romanos davam o titulo de *Vossa Eternidade* e o nome de *Divino Tiberio*!

Este monstro subiu ao throno pelos artificios de sua mãe Livia e foi acclamado herdeiro bem contra vontade do imperador Augusto que o havia adoptado.

Augusto poucas horas antes de morrer disse ácerca de Tiberio: *Lastimo o povo romano; vae elle ser bem triturado lentamente por aquelles queixos.* O seu perceptor advinhou-lhe os instinctos maus quando disse de Tiberio que elle era *uma especie de lama amassada em sangue*.

Se em vez de Tiberio tivesse imperado Germanico, esse jovem e virtuoso guerreiro cheio de nobres affeições e fortes impulsos para o bem, o typo ideal da honra antiga, porque era elle o mais corajoso dos homens e o mais generoso dos vencedores, se Germanico houvesse governado Roma em vez do desconfiado, perfido e cruel Tiberio, talvez que as prophecias não tivessem sido cumpridas tão cedo, tendo apenas Jesus-Christo 33 annos de edade.

Estava escripto que o Christo devia soffrer e por esse meio entrar na sua gloria, para nol'a fazer partilhar com Elle, diz o abbade Juste na sua *Biographia Sagrada*, e talvez fosse por esse *estava escripto* que Germanico foi envenenado pela seu tio, proprio Tiberio.

Silva Pereira.

OS FORASTEIROS NA RUSSIA

POR

POULTNEY BIGELOW

(Continuado do n.º 729)

IV

A 6 de junho cheguei e mais o Remington a S. Petersburgo, e, depositada que foi no hotel a nossa léve mochila de remadores *diletantes*, fômos n'um pulo á legação dos Estados-Unidos. Os *cabriolets* de S. Petersburgo tem as rodas um quasi nada maiores do que as de um carro de mão, e pouco mais pódem conter, tambem. Eu e o Remington, ao saltar para o vehiculo, abraçámo-nos com quanta força tinhamos para não dar a nossa cambalhóta para qualquer dos lados, e lá fomos, sacudidos, dos pés á cabeça, rodando sobre as as-

PORTA DA EGREJA DA CANDELARIA, NO RIO DE JANEIRO

(Esculptura do sr. Teixeira Lopes)

perrimas calçadas, d'esses *squares*, vastos quanto desertos, que parecem especialmente destinados para manobras militares. O cavalo que puxa a *droschka* é de marca pequena, porém espertissimo e, com pasmosa facilidade léva á tréla o desastrado e pesadissimo *cabriolésinho*. Os outros carrinhos que topámos pelo caminho levava cada qual invariavelmente um individuo fardado. A coisa na Allemanha já se nos afigurava passar das marcas, em S. Petersburgo, porém, ou uniformes ou andrajos, — e não havia mais por onde escolher! — O cocheiro, naturalmente, gosta da sua *droschka*, infinitésima, por que faz com que pareça maior e mais possante o cavalo, emtanto que o official, sem duvida, é lhe affécto pelo facto de, pelo contraste, lhe avantajar as proporções. É de suppôr, comtudo, que o cavalo maldiga o pesadissimo trambôlho, e suspire por uma carruagem civilisada.

Tocámos a campainha, e d'ali a nada, um lacaio, de ponto em branco, veio abrir a porta e conduziu-nos a um aposento ricamente adornado. As legações de Berlim, Paris, Londres e Vienna ficariam a perder de vista comparádas com tão principesca installação e, sentadôs nas nossas cadeiras, maravilhados contemplavamos uma enfiada de sálas mobiladas e decorádas com o mesmo luxo asiatico.

Éramos apénas uns simples viajantes americanos, e como nos tivessem conduzido a tão sumptuoso aposento por havermos manifestado desejos de falar com o nosso representante, d'ahi concluimos que nos achavamos na legação dos Estados-Unidos, e que, afim de costear as despezas da nossa representação official, haviam aggregádo a esta qualquer outra instituição. Enganámo-nos, porém.

Não residia, ao tempo da nossa visita, nenhum ministro americano em S. Petersburgo, e o primeiro secretario, que exercia o lugar de encarregado de negocios, informou-nos de que nos achavamos na sua propria residencia, na qual fôra reservado um aposento para fins officiaes.

Em outros paizes, nos semi-civilizados, principalmente, todo o americano que sollicita auxilio ou protecção do seu ministro contempla com alegria a aguia americana encimando a porta da respectiva legação, e, tremulando a par d'esta, provavelmente, arvorada no competente mastro, a bandeira das listras e das estrellas, nos dias de gála nacional, proclamando ao mundo em pêzo que o cidadão americano, viaje por onde viajar, pode contar com a ajuda do seu governo, sempre que obedeça ás leis do paiz em que se encontra. Quando mesmo não existam ali nem aguia nem bandeira, em todo o caso, la estará uma chapinha de latão, affixada em lugar conspicuo, para o informar de que na respectiva localidade existe uma coisa que se chama legação dos Estados-Unidos.

Em S. Petersburgo, eu e o Remington debalde procurámos qualquer d'estes signaes animadores.

É possivel que nos escapasse algum letreiro em russo, poucos são, porém, os americanos que falam esse idioma. Lá nos levåram aos tombos, d'aqui para ali, em estado miseravel de nostalgia, tocámos quanta campainha encontrámos pelo caminho, sem encontrar ninguem que falasse a nossa lingua, até que afinal viémos arribar ao portão da ostentosa personagem que representa o governo de Washington, junto da pessoa do nosso grande amigo, o Tzar de todas as Russias.

No primeiro de junho, remettera eu uma carta ao nosso representante em S. Petersburgo, participando-lhe que me achava incumbido pelo meu paiz de uma commissão, que vinha aliás munido de «passaporte especial» visado pela *Repartição do Estado*, e que, de reforço a este, era portador de uma carta official do secretario de Estado, para me servir de introducção junto dos nossos agentes diplomaticos no extrangeiro.

O Remington trazia tambem «passaporte especial» e accrescentei na minha carta que eu e elle viajavamos juntos no intuito de melhor cumprir as instrucções do nosso governo.

Lembrando-nos da rapidez com que a média dos diplomatas americanos, assim que se vêem envoltos na pompa das côrtes extrangeiras, perdem de vista a terra natal, aproveitei o ensejo e fui-lhe dizendo que o meu amigo, no seu genero, era o primeiro entre os artistas americanos, e sollicitava licença para desenhar apontamentos.

Accrescentava ainda que, em condições dispendiosissimas, trouxeramos da America uma canôa, para excursões fluviaes, que tencionavamos, navegando de S. Petersburgo, atravessár o Baltico em toda a extensão, tomando apontamentos e bosquejos durante nossa derróta.

Em conclusão, pedia ao nosso representante em S. Petersburgo que me alcançasse a devida licença para levar a effeito a sobredita viagem, ou quando não, que me apresentasse á entidade official, respectiva, afim de eu pessoalmente lhe formular o meu pedido, explicando-lhe o character inofensivo da nossa projectada excursão.

Conscio das delongas diplomaticas em paizes orientaes e semi-civilizados, apontava-lhe a data de 8 de junho como dia da minha apresentação, e de caminho, afirmava ao nosso representante que, até essa data, nos encontraria ao seu dispôr.

Remington e eu déramos tractos ao miôlo, a vêr se imaginavamos o que nos cumpria fazer afim de despir a nossa missão de toda e qualquer circumstancia suspeita.

Concluimos, afinal, accrescentando ao nosso documento um protocollo, — isto é — promptificávamo-nos a satisfazer a despêza de alguem que o governo russo

EGREJA DA CANDELARIA, NO RIO DE JANEIRO

houvesse por bem enviar em nossa companhia, na qualidade de interprete, guia, piloto, protector ou espião.

Sabiamos que, no anno anterior, o governo dos Estados-Unidos enviara á Russia commissão especial, afim de relatar ácerca da emigração judaica, que a dita commissão se vira desconsideráda, e abandonára S. Petersburgo, desgostosa, sem intento ao estimadissimo embaixador da Russia, junto á côrte de Berlim, o conde Schuvaloff. E' um cavaleiro amabilissimo, affecto, em extrêmo, aos cidadãos americanos, e de todo incapaz de subterfugios. Tomára a peito o meu projecto que nem que eu fôra seu filho; afirmou-me que a minha excursão seria das mais apraziveis, que ia ser recebido de braços abertos, insistiu em me

O representante americano, com toda a paz de espirito, informou-nos logo á primeira entrevista de que não fizéra pedido algum, escripto ou verbal, em nosso favor.

Era um tanto de embatucar, aqui para nós! E tinhamos-lhe nós dádo uma semana, para o que désse e viésse! O Remington estava com áres de quem se propõe jogar á pancada!

AS OVARINAS — Desenho do sr. M. de Macedo

que tivesse alcançado sêr officialmente reconhecida pela repartição competente.

Suppunhamos que nos houvessemos protegido efficazmente contra semelhante contigencia pelo facto de ter enviado o nosso requerimento com uma semana de antecipação.

A nossa missão nem por sombras sequer se achava ligáda a qualquer questão politica; se haverá nada mais innocente do que plantár de arvoredo as cóstas de qualquer paiz?

Alem de quê, eu fizéra plêna exposição do meu offerecer o seu prestimo, deu-me, até, uma carta de recommendação para um dos nômes mais graúdos de S. Petersburgo.

Que mais poderia desejar um cidadão americano, viajando em paiz ligado ao nosso por tantos e tão amigaveis laços, qual é a Russia? Não esperávamos, certamente, ter por escolta a esquadra americana! A frota de navios com carga de cereaes que lhe mandámos para os camponezes famintos não representaria, quer-me parecêr, nada máu substituto?

Expoz-nos o encarregado de negocios que existiam certas difficuldades com respeito a praxes e precedentes diplomaticos.

Protestei, observando-lhe que o ministro da Russia em Washington não encontraria difficuldades em ver satisfeito qualquer pedido da mesma natureza por parte do secretario d'Estado, e que me aventuráva a julgar que o ministro dos Estados-Unidos em S. Petersburgo seria entidade tão importante como o ministro da Russia em Washington, e que dado o caso que assim não

fôsse, já era tempo da gente americana ter conhecimento de semelhante facto. Trouxéramos os nossos documentos abonativos, e rogámos-lhe que houvesse por bem lêl-os. Assim fez, devolvendo-os, e observando, com certo ar de enfastiado, que eram deficientes quanto á forma diplomatica.

Retorqui-lhe que não me competia criticar a fórma diplomatica, adoptada pela minha *secretaria d'Estado;* que o fizesse elle, se assim o entendia, mas nunca por minha intervenção. Que o negocio que nos trouxéra a S. Petersburgo reduzia-se exclusivamente a obter uma licença que nos fôsse protecção efficaz em quanto andassemos crusando pelas costas do imperio.

A resposta do encarregado de negocios foi assaz vága; que me lembrasse de que, desde o anno anterior, o governo russo se mostráva muito aprehensivo em relação aos forasteiros que vinham á Russia com intenção de relatar coisas do paiz. Ao que repliquei que tambem a China desadorava a extrangeiros, e que eu, comtudo, não encontrára a minima difficuldade em viajar no celeste imperio — ainda mesmo no interior.

Insistimos no facto de que ambos nos achavamos perfeitamente habilitados a apresentar garantias convincentes com respeito ao character inoffensivo da nossa nautica excursão. Repetimos-lhe o offerecimento que já fizéramos de custear as despezas a uma escolta official. O representante surriu, abanando a cabeça, e com a maxima cortezia, observou-nos que nos aventuráramos n'um becco sem saida.

Até que eu, finalmente, em presença do Remington e do nosso addido militar, disse-lhe o seguinte: Vou formular-lhe cathegoricamente o meu pedido. Em vista dos documentos officiaes de que sou portador, requeiro-lhe que haja por bem levar-me á presença da entidade official respectiva; desejo uma apresentação em forma; quero entregar-lhe as credenciaes do governo dos Estados-Unidos, explanar-lhe a natureza da nossa missão, e ouvir definitivamente da sua propria boca se estamos realmente ameaçados de encontrar obstaculos que possam tolher-nos o caminho.

O representante pôz-se a mirar-nos, alternadamente, com sorrizo indefinivel — um sorrizo que eu não extranharia se lhe houveramos falado em pedir um emprestimo ao tzar.

— De todo em todo impossivel — foi a sua resposta peremptoria. — É contra todos os precedentes diplomaticos, admira-me, até que o não saiba!

Que se lhe havia de fazer? — Concordei com o Remington em que esperariamos, pelo menos, durante tres dias. Se até esse prazo o governo nos não desse resposta, carregariamos com as canôas até ao porto de mar allemão mais proximo, iriamos cruzar por uns tempos nas costas dos dominios imperiaes, regressando depois á Russia, dado o cáso de que a permissão nos fosse finalmente concedida.

A força de instancias, condescendera por fim o nosso representante em prometter que apresentaria um pedido em forma com respeito á desejada authorisação, e que faria quanto em si coubésse para facilitar-nos o cumprimento da nossa missão, etc; e tal.

É dispendiosissima a vida na Russia, especialmente na capital. O forasteiro é constante alvo de extorsões infinitas, e não tardámos em descubrir que, continuando as despezas correntes na mesma proporção, em breve nos ameaçaria a bancarrôta. Lá quanto a distracções, não havia razão de queixa, pois trouxéramos cartas para funccionarios poderosos e da mais elevada gerarchia, que nos recebiam com a maxima cordialidade, convidando-nos para as suas casas de campo, offerecendo-se para fazer tudo n'este mundo que podesse concorrer para a nossa ventura, excepto a coisa unica que desejariamos ver-lhes fazer.

Principes, condes, coroneis, embaixadôres, chefes de estado-maior e ajudantes de ordens — tudo era abarrotar-nos de cáviar, champanhe; hospitalidade principesca, mas nem um só que se atrevesse a mexer um dêdo em favor de negocio que interessáva a terceira secção — a policia secréta.

A nossa correspondencia éra, já se vê, aberta pela policia, que a tornava a fechar, Deus sabe como. Um bello dia, o Remington fôra dar um passeio de carrinho pelos arrabaldes, e quando mal se precatava, repára que éra seguido, vinha atraz d'elle um official n'uma droschka. A tal droschka, d'ali a nada, tomava-lhe a dianteira, e notou o Remington que o individuo que n'ella vinha, lá adeante na estrada, faláva com um gendarme.

O que disseram, não sabemos, como é facil de suppôr, mas quando o meu companheiro de viagem attingiu aquelle ponto, o gendárme fez parar a carruagem, voltou a cabeça do cavallo para a cidade, deu ao cocheiro algumas instrucções em russo, e o resultado, sabidas as contas, foi encontrar-se o Remington, o mais involuntariamente possivel, arribádo á porta do hotel, onde, decorrida uma hora, o vim encontrár, ás pernadas pelo quarto, qual leão na jaula, desabafando a sanha em vigorissimo inglez.

Que nos vigiassem, já não estranhávamos, isto, porém, a falar verdade, éra sahir muito fóra do jogo!

Ao quarto dia, seriam dez e meia da manhã, fomos até á legação, O decorativo serviçal participou-nos que o encarregado de negocios ainda estava na cama. Enviámos lhe duas palavras n'um bilhete, communicando-lhe que vinhamos saber se tinha alguma nova a transmittirnos. Mandou-nos dizer pelo creado esplendido que não tinha novidade nenhuma, nem sabia quando a teria; e que éra escusado esperar-mos por semelhante coisa.

Retribuimos-lhe com uma derradeira e definitiva mensagem de agradecimento e respéctivas contumelias — e abalámos.

Dois dias atráz, tivéramos uma entrevista com o chéfe aduaneiro, com quem tractáramos o transporte fluvial directo das nossas canôas para Rovno, no rio Niemen, suppondo que, vinte e quatro horas de anticipação fossem mais que sufficientes. Priviniramos tambem o guarda-portão do hotel, de que nos iamos embóra n'aquelle mesmo dia e recommendáramos-lhe que nos fosse tirar passaportes. Veio, porem, ter comnosco, trazendo uma cára de palmo e meio; dizendo que tinha muita pêna, que fôra á estação policial, que havia certas difficuldades, e que não estava na sua mão resolvêl-as.

— Estamos frescos, não tenha duvida — dissémos com os nossos botões. Pois já se vê que, sem passaportes, deixávamos de ser americanos, e até mesmo humanas creaturas; descambávamos méramente em numeros de calaboiços policiaes!

Quiz o acaso, por nóssa ventura, que a esse tempo apparecesse a visitarnos um official muito chegádo á pessoa do tzar, e expozémos-lhe os apertos em que nos viamos. Ausentou-se, um instante, voltou, e affirmou-nos que forçosamente devia de haver engano, e que os nossos passaportes não podiam deixar de vir. Cavaqueámos, um pedaço, e o caso é que, d'ali a instantes, e como que por arte mágica, eis que apparecem os preciosos documentos, devidamente selládos e rubricados. Qual fosse o poderóso encanto, invocado pelo nosso dedicado amigo, ignoral-o-hêmos para todo o sempre, mas que foi amigo providencial, lá isso foi, e estamos-lhe gratos quanto possivel pela sua valiosa intercéssão.

(Continua) *Pin-Sél*

TRIBUNAL DA RELAÇÃO DO PORTO

Foi por decreto de 21 de outubro de 1582, que o rei D. Filippe II, ordenou a extincção da Casa do Civel de Lisboa, e determinou a sua mudança para a cidade do Porto, tendo a data de 27 de julho do mesmo anno, o Regimento que o referido monarcha deu á mencionada casa do Porto.

Em data de 25 outubro de 1582, expediu Filippe II á camara do Porto uma carta régia, que aqui foi recebida em 4 de novembro do mesmo anno, dizendo ter sido enviado a esta cidade Antonio Fernandes Homem, porteiro da Casa do Civel, com a mobilia d'ella, e que constando-lhe que se podia por emquanto despachar na casa onde se costumava reunir a camara, esse despacho se fizesse effectivamente ahi.

Em outra carta régia com data de 25 de novembro de 1582, igualmente expedida ao juiz, vereadores e procurador da cidade, ordenava Filippe II que logo que se soubesse o dia em que chegariam o governador, desembargadores e mais officiaes, fosse a referida camara com as demais pessoas da governança da cidade, recebel-as fóra d'ella.

Em consequencia d'esta ordem, foram a camara e outros funccionarios publicos, esperar o governador e juizes da Relação, ao Couto de Grijó, tres legoas distante do Porto.

Por carta régia de 13 de janeiro de 1584, ordenou o mesmo soberano que os desembargadores usassem de becas ou granachas e barba larga *para representarem a authoridade dos senadores romanos.*

Finalmente por alvará de 5 de julho de 1585 determinou que a missa que diariamente se resava na Relação fosse dita por um religioso de S. Francisco, ao qual se daria o ordenado que levava o capellão da Casa do Civel em Lisboa.

O primeiro despacho que a Casa do Civel realisou n'esta cidade foi em 4 de janeiro de 1583, e na casa onde a camara celebrava as suas sessões.

Depois, o tribunal mudou para a casa do conde de Miranda, onde esteve até ao anno de 1608, em que mudou para o edificio da Relação, que Filippe II mandára construir na Porta do Olival.

Succedendo, porém, pelo terremoto de 1 de novembro de 1755, ter-se arruinado e cahido parte do referido edificio, tornou o tribunal para a camara onde esteve até 30 de maio do dito anno, por se ordenar se mudasse para a Praça das Hortas (actual Praça de D. Pedro.)

Por occasião do terramoto de 31 de março de 1761, estando os juizes em Relação, sahiram assustados, todos, para a praça, e com receio de que cahisse a casa do Despacho, mudou-se o tribunal para o hospicio dos padres capuchos, ao Calvario, onde permaneceu até 4 de novembro de 1765, para tornar a mudar para a Praça das Hortas.

Estando esta ultima casa arruinada e necessitando fazerem-se obras n'ella, tornou o tribunal a mudar para o hospicio dos padres capuchos, onde esteve até 31 de março de 1787, em que voltou para a Praça das Hortas, funccionando ahi até se concluir o actual edificio das cadeias e tribunal da Relação, á Porta do Olival.

Por aviso de 11 de novembro de 1796, determinou S. M. que a Relação se mudasse para o novo edificio, realisando-se n'elle a primeira sessão em 7 de janeiro de 1797.

O primeiro governador que teve a casa do Civel, depois que veio para esta cidade, foi Pedro Guedes, filho de Simão Guedes, védor da casa da rainha a sr.ª D. Catharina e 5.º senhor de Murça, que serviu durante a menoridade de seu primo Henrique de Souza, primeiro conde de Miranda, desde 4 de janeiro de 1583 até ao anno de 1590, que foi quando entrou a exercer o cargo de governador o referido conde de Miranda.

A Pedro Guedes foi então dada a presidencia do senado da camara de Lisboa.

Porto.

Manoel M. Rodrigues.

LIVRO DAS QUE SOUBERAM AMAR

PELA

PRINCEZA * * *

COMMENTADO POR

Arsène Houssaye

LIVRO II

XI

PORQUE VEIO ANTONIO A PARIS

Uma tarde, á noitinha, passavamos alegremente pelos Campos Elyseus na minha victoria, quando um homem se metteu por entre as filas das carruagens, gritando:

— Violante! Violante!

Cuidei, vendo o olhar espantado d'esse homem, que se tratava d'um doido.

— Antonio! gritou ella.

Foi a tempo, porque já o cocheiro levantava o chicote para fustigal-o, dizendo que lhe espantava os cavallos. Mandei-o logo parar. Violante, sempre algum tanto violenta, tel-o-hia atirado da almofada, se elle houvesse batido em Antonio.

— Pobre amigo, disse ella ao gondoleiro, que vieste cá fazer?

Antonio, que partira de Veneza, prompto para tudo até para um crime, serenou como criança, ao ouvir a voz de Violante.

— Vim para ver-te, disse a meia voz, a olhar de esconso para mim.

— Ninguem vem de tão longe só para ver uma pessoa amiga. Onde tens a cabeça?

— Perdia-a, respondeu. Disse que, se não voltasses para Veneza, deixava-me ficar em Paris.

— Mas, meu querido Antonio, em Paris não ha gondolas.

— Deixal-o; hei de eu cá fazer uma, disse Antonio. Passeal-a-hei pelo Sena. Quando souberem que é d'um gondoleiro de Veneza, hão de querer andar de gondola.

— A idéa não é má de todo. Escuta; havemos de falar n'isso. Vai ámanhã a minha casa.

E Violante deu-lhe um bilhete de visita.

Como isto se passava na barafunda das carruagens e os cavallos estavam inquietos, Antonio ia sendo atropelado umas tres ou quatro vezes; mas com um pé no estribo, não largava o rebordo da almofada. O meu papel era assaz ridiculo. Cala-

va-me, aguentando aquelle homem do diabo. Os amigos que passavam, julgavam-o um provinciano ou um provençal da minha familia, ou antes da familia de Violante

Uma vez com o bilhete na mão, decidiu afastar-se. No dia seguinte não deixou de ir a casa de Violante. Tratou-o ella com doçura, ralhando com elle, dizendo-lhe que devia voltar para Veneza. Mas não era coisa facil fazel-o obedecer. Estava agarrado áquella idéa da golonda em Paris, para levar a vida junto d'ella, embora não devesse ser amado.

Só lhe pedia um favor, que o deixasse ir vel-a todos os domingos. Por muito que lhe ella dissesse que morreria á fome em Paris, porque os parisienses não andavam embarcados, não desviou do proposito uma linha.

O episodio aborrecia-me extraordinariamente. O rapaz tinha mostrado caracter, era capaz d'alguma tolice. Tambem não deixava de temer que Violante voltasse a gostar d'elle um bocadinho. Felizmente metade da belleza perdêra-a elle expatriando-se. A moldura faz muito ao quadro. Em Veneza, na gondola, tinha uns ares de pessoa real ridiculos em Paris. O trage veneziano davalhe relevo ao typo caracteristico e á expressão melancolica; os fatos da *Belle Jardiniere* mascaravam-lhe o rosto e o feitio. Já não era um gondoleiro, nem era um parisiense. Não sabia como mecher os braços tão ageis e graciosos quando remava. Á segunda visita, logo Violante lhe disse:

—Pobre Antonio, sabes que não és nada bonito em Paris?

—E tu és bonita demais, respondeu com ar sombrio.

E como se ella o não tivesse ouvido:

—Digo-te que estás bonita demais, insistiu.

Violante contentou-se com responder-lhe que era o seu destino.

D'essa vez offereceu-lhe dinheiro. Indignou-se.

—Dinheiro! exclamou batendo com o pé no tapete da Persia. Pois julgas que vim bater á tua porta para pedir-te esmola?

—Vamos, Antonio, bem sei que não pedes esmola senão á porta do meu coração. Mas não nos zanguemos. Foi porque tive medo que tivesses gasto todo o dinheiro com a tua vinda a Paris.

Respondeu-lhe, cheio de amargura, que não tinha viajado como ella e que, graças a Deus, ainda tinha com que viver algum tempo sem trabalhar. Quando tudo gastasse, faria o que a Deus aprouvesse.

Foi-se, altivo como Artaban.

—O teu gondoleiro é um massador, disse eu a Violante. Verás que vamos ter sensaboria por causa d'elle. Não o receio por mim; receio-o por ti.

Razão tinha eu. Não imaginam como aquelle gondoleiro, fóra da gondola, era um animal insupportavel. Tivemos que mudar as horas dos nossos passeios para o não encontrar no caminho. Embora naturalmente calado, por toda a parte badalava a historia de Violante.

Era de esperar que vivesse a um canto e fosse de todos desconhecido; mas, como cantava bem foi ter com o empresario do Alcazar, que o escripturou para umas canções venezianas. Era exactamente as que Violante tão bem cantava. Teve por isso um certo exito. Chegou-nos a atoarda. Até que emfim, perdida a paciencia, Violante teve ainda uma entrevista com Antonio para lhe provar que perdia o tempo em Paris. No Alcazar só o tinham contractado ás noites; d'um dia para o outro poderiam dispensal-o; que havia de elle fazer? A tal idéa da gondola era simples loucura que poderia leval-o até Charenton, subindo o Sena e o Marne.

Mas Antonio não o entendia assim: já se via na Opera.

— Ora, dizia elle a Violante, não sabes o que dizes. Em Veneza todos somos pobres; em Paris tudo é rico. Quero enriquecer como os outros. Verás, quando eu tiver dinheiro, como voltarás para mim. Hoje tens quatro cavallos; dou-te oito.

Depois d'esta entrevista, Violante dizia-me que elle estava doido de todo e que só tinhamos um partido a tomar, irmo-nos por algum tempo.

Era na época dos banhos do mar; partimos para Trouville, onde cedo soubémos pela criada, que viera a Paris buscar uns vestidos, que o gondoleiro, melhor pensando, visto que o tinham despedido do Alcazar, voltára para Veneza.

Violante deu um suspiro de alivio e outro de saudade.

— Quem sabe, disse, se o pobre rapaz teria dinheiro bastante para a viagem e não vai outra vez deitar-se ao Adriatico?

— Socega, respondi; quem uma vez viu a morte de perto nunca mais lhe vai ao encontro.

XII

MADEMOISELLE JEANNE D'ARC

D'onde provem, que, por vontade minha, soffresse mil mortes aquella pobre rapariga? Não sou cruel, sou incapaz de atormentar uma mosca. Faltava-me animo para dizer-lhe a verdade. Queria que ella, muito naturalmente, se desligasse de mim, como se fosse possivel arrancar do coração uma paixão viva. Ia tão longe a minha cegueira, que cuidava já não amar aquella adoravel creatura, quando d'ella todo eu andava cheio!

Em tudo deve ser-se leal, não direi que até no amor, mas principalmente no amor. Mil mentiras ideei para que ella se cançasse de viver comigo. Dizia-lhe, por exemplo, que ia ser nomeado consul na America. Ella, que nunca mentira, nem sequer duvidava d'uma só das minhas palavras. Deitava-se-me nos braços, exclamando: «Irei comtigo ao cabo do mundo.» Outra vez falavalhe de minha mãe ausente. Avisava-a de que ia partir, para passar um mez em Londres: estava prompta tambem para a viagem; esconder-se-hia n'um hotel, onde eu lhe daria as horas de liberdade que minha mãe me deixasse. Não via obstaculos; seu amor desafiava tudo.

Esperei que ella me deixasse pelos ciumes. Aqui ou acolá, como por engano, deixava cahir uma carta de mulher; lia-a e punha-m'a na mão com um sorriso eloquente. Ha mulheres que vão aos ares, outras que choram, outras que só mostram a altivez do silencio. Violante era d'estas.

Tinha sobretudo ciumes d'uma a quem tinhamos posto a alcunha de Jeanne d'Arc. O acaso punha esta mulher sempre no caminho de Violante, no theatro ou no bosque. O sorriso que trocavamos apunhalava-lhe duas vezes o coração. Violante lia palavra a palavra nos olhos. Um dia disse-me:

— Amanhã, se essa mulher olhar para ti e tu olhares para ella, mato-a.

Não era uma ameaça vã; mas eu que tinha pretenções de saber de mulheres, não conhecia as venezianas. No dia seguinte, estavamos no theatra das Variedades, ao lado de Jeanne d'Arc e de uma sua amiga, cada qual n'uma meia frisa. Violante não dizia palavra, parecia olhar apenas para o espectaculo; mas, de repente, no instante em que tudo ria não sei de que serie de tolices, Violante ergueu-se e partiu o leque na cara de Jeanne d'Arc. Nunca mulher havia sido esbofeteada assim!

Peguei em Violante pela cintura e atirei-a para o fundo da frisa.

Parecia a scena dos leões no Circo da Imperatriz.

Era soberba em sua ira: dois vulcões nos olhos, as ventas agitadas, a bocca entre-aberta, uma expressão de altivez e colera! Jeanne d'Arc teve tanto mêdo, que por um triz lhe não deu o proprio leque para que recomeçasse, visto que d'elle não se atreveu a fazer uso

Como eu exprobasse a Violante a violencia, tornou á doçura adoravel, dizendo-me com o mais encantador dos sorrisos:

— Ora o que foi isso? Uma pancada com o leque!... Tivera eu comigo uma navalha!

A coisa fez bulha, porque todos os actores se voltaram para a friza e um menino engraçado gritou ás rivaes que fossem para o palco. O commissario de policia veio á friza e ameaçou as senhoras de as levar para o estarim, sem exceptuar a que tinha levado, o que a indignou muitissimo. Obtive-lhes o perdão, entregando ao commissario o meu bilhete de visita.

Foi o preludio, porém. No dia seguinte, na Cascata, por um d'esses acasos que provam que tudo é logico nos acasos do mundo, encontrámo-nos ao almoço. Apenas nos haviamos sentado deante d'um prato de camarões, umas ovas e uns rabanetes, entra Jeanne d'Arc com um amigo meu, todo ancho da conquista, pois que Jeanne d'Arc armava sempre em pucella de Orléans. Como esse meu amigo era Mr. de Montlouis, tenente de dragões, destro esgrimidor, feitio desordeiro, Jeanne d'Arc não receou Violante. Veio desafial-a, sentando-se a uma mesa proxima, de cara para nós, ou antes para mim, porque Violante estava de costas voltadas.

Não quiz privar-se de me mimosear com toda a sorte de tregeitos, por cima do hombro da minha amante, rindo como doida de quanto o companheiro lhe dizia, embora não fosse para dar vontade de rir. Mas Jeanne d'Arc pertencia á seita das mulheres que pensam que a alegria é bulhenta. E ainda para mais, queria provar-nos que estava muito divertida, o que é uma vantagem sobre aquelles que se não divertem.

Cuidava que Violante lhe não via as caretas; mas a Veneziana tinha sempre comsigo um pequenino espelho de Veneza, do tamanho de metade da mão, que a esclarecia sobre quanto em volta d'ella se passava; e tanto que, n'um dado momento, sem que até então houvesse mostrado impaciencia, pegou na faca e ergueu-se terrivel.

Quiz-me deitar a ella, mas fui impedido pela mesa.

E, de resto, era já tarde.

Voltára-se e, sem escolher logar, ferira Jeanne d'Arc entre os seios. Quando a segurei, disse-me apenas estas simples palavras:

— Se a matei, mata-me.

Deu-me a faca.

Entretanto Montlouis amparava nos braços Jeanne d'Arc, que desmaiára ao ver correr o sangue.

— Que diabo! disse Montlouis, não se ataca assim uma pessoa, sem se lhe dizer que se defenda.

Não sabia que responder-lhe. Temia que o golpe fosse mortal. Já via todas as consequencias da scena tragica.

Mr. de Montlouis estancava o sangue e olhava para o ferimento.

— Felizmente, disse, a faca não penetrou; ainda assim, a Veneziana não marcou Jeanne d'Arc com um signal bonito.

Jeanne d'Arc não reabria os olhos. O tenente de dragões deitou-a devagarinho no chão, emquanto eu lhe deitava agua na testa. Tinham-se reunido alguns curiosos aos moços do café.

— Não façam caso, disse Mr. de Montlouis, que desejava arranjar as coisas; é uma ciumenta, deu em si uma facada.

Violante queria falar, mas tapei-lhe a bocca e arrastei-a para o bosque.

A facada fez mais barulho que a pancada da vespera; mas não chegou aos ouvidos do juiz d'instrucção, porque todos acreditaram na palavra do tenente de dragões. Até acabou por convencer a propria Jeanne d'Arc que ella a si mesma se havia apunhalado. Verdade seja que, para convencel-a, lhe deu da minha parte uma nota de mil francos.

Embora fosse bem pago, porque a faca tinha escorregado n'uma costella, sem maior damno, Jeanne d'Arc nunca mais se atreveu a affrontar Violante.

XIII

A LENDA DE VIOLANTE

Tudo em Violante me era caro, até o nome d'ella.

— Porque te chamas Violante? perguntei-lhe um dia.

Respondeu-me que devia perguntal-o ao padrinho, o Duque de Riançarez.

— Teu padrinho? perguntei com certa surpreza.

— Porque não? Tinha vindo caçar ás nossas montanhas com o Duque de Sforza. Minha mãe, que de tudo tinha a certeza e que sabia perfeitamente que me corria sangue vermelho nas veias, pediu-lhe este favor: que me acompanhasse á egreja e perante Deus respondesse por meus actos e gestos. O Duque olhou para mim e achou-me bonita. Gostou muito dos meus cabellos d'oiro. «Não se diria, exclamou, que é filha de Violante, a amante do Ticiano?» E foi o primeiro dos meus nomes de baptismo. Não me fica bem, sobretudo se traduzirem Violante por violenta?

— Sim, disse-lhe, beijando-a, violencia das paixões, violencia do coração, violencia da alma. Mas creio que te formaste assim, amoldando-te ao nome. Não quizeste que teu padrinho se enganasse.

— Respondo-te que nunca n'isso pensei; creio apenas que foi o meu nome que me deu o profundo amor á Violante do Ticiano.

Levantou-se e foi buscar a um movelsito um pequenino alfinete de peito, d'oiro de Veneza, que valeria quando muito vinte francos, mas que continha um retrato da filha do Ticiano, de valor inestimavel, embora moderno, tanto o miniaturista tivera artes para reproduzir o ar encantador da cabeça original.

N'essa noite falámos muitissimo de Violante.

— Sabes a lenda? perguntou-me.

— Não sei. E tu?

— Não sei eu outra coisa!

E poz-se-me a contar a lenda, com a phisionomia mais expressiva e o doce ciciar das venezianas. Parecia um canto d'amor.

Paulo de Hauteroche queria saltar a lenda, mas reclamámol-a todos e elle melhor ou peior lá a traduziu.

Eil-a, pouco mais ou menos:

(Continúa).

NECROLOGIA

MARIANNO PINA

FALLECIDO EM 30 DE MARÇO DE 1899

Causou dolorosa surpreza em Lisboa a noticia da morte do conhecido jornalista Mariano Pina, que a tuberculose ha muito havia afastado do trabalho assiduo na redacção do *Jornal do Commercio*, mas a quem, ultimamente, accentuadas melhoras haviam dado, bem como a seus amigos, fundadas esperanças de cura.

No sabbado, 1 de abril, os jornaes de Lisboa publicavam annuncios luctuosos da familia do fallecido e da redacção do *Jornal do Commercio*, onde este ultimamente exercia as funcções de redactor gerente.

Mariano Pina falleceu em S. João do Estoril pelas nove e meia da noite de quinta feira santa.

Natural de Alcobaça, viera muito novo para Lisboa, onde seu pae desejava que elle estudasse, destinando-o á carreira de medicina.

Quando o pae morreu, necessidades da vida e as suas tendencias litterarias levaram-o a entrar para a redacção do *Diario da Manhã*, de que fôra fundador Manuel Pinheiro Chagas. Ahi se conservou até que, por morte de Guilherme de Azevedo, a empreza da *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro lhe offereceu o logar de correspondente em Paris, onde Mariano Pina se conservou por muitos annos, fundando n'aquella cidade *A Illustração*, um bello jornal, que publicou magnificas gravuras e em que collaboraram os mais distinctos escriptores.

Voltando a Lisboa fundou *O Nacional*, que pouco tempo teve de duração e publicou poucos numeros do *Espectro*.

Fez parte das redacções do *Diario Popular*, *Correio Nacional* e *Jornal do Commercio*.

Sem ser um grande escriptor, era todavia um excellente jornalista.

Traduziu para o theatro a *Arlesiana* e o *Filho Natural* e fez um arranjo dos *Rantzau*, a famosa peça de Erckmann-Chatrian.

Era de uma actividade pasmosa. No Estoril ainda continuava a trabalhar.

Paz á sua alma.

Recebemos e agradecemos:

Real Associação Central de Agricultura Portugueza. — *Trabalhos durante a gerencia de 1897-1898. — Lisboa. — 1899.*

Alem do relatorio da direcção da conceituada aggremiação, contem, o presente volume, varios documentos e o parecer da commissão revisora de contas.

Para se avaliar dos trabalhos da direcção a que se refere este relatorio, reproduziremos o respectivo summario, que é o seguinte:

Preambulo justificativo; Movimento dos socios; Situação economica; Socios fallecidos; Constituição da Direcção; Questão dos vinhos; Commissões de estudo; Delegado nas exposições de Hamburgo e Bruxellas; Congresso agricola do Porto; Conferencias; Guia pratico para o emprego dos adubos; Impressão das publicações da Associação; Syndicatos agricolas; Black-rot; Exclusivo da fabricação do assucar de beterraba; Campo de demonstrações annexo ás escolas primarias; Peste bovina; Icerya Purchasi; Associação Commercial do Porto. Homenagem a Mousinho d'Albuquerque; Distribuição do relatorio do Congresso viticola; Arroz partido e fraudes no commercio dos adubos; Conselho das pautas ultramarinas; Vinhos em Lourenço Marques; Circular do ministro das Obras Publicas, fomento agricola; Exposição de Paris de 1900; Nossas relações associações agricolas nacionaes e estrangeiras; Pedidos de conselhos e publicações; Convite da Cooperativa Militar; Questão dos trigos; Empregados; Circular do ministro da Marinha, fomento colonial; União dos syndicatos agricolas; Tratado de commercio com a Republica Argentina; Conclusão.

No jubileu do centenario — Portugal na India — *Epopéa do Oriente — 1498-1898.*

O poemeto *Portugal na India*, original do sr. Roque Bernardo Barreto Miranda, constitue um elegante opusculo, nitidamente impresso em fino papel e que faz honra á Imprensa Nacional de Nova Gôa, onde foi publicado. É dedicado pelo seu auctor ao sr. Antonio Paulino d'Andrade, em uma patriotica epistola, e em que diz:

«Como filho da lendaria India — pela qual elle ganhou a immortalidade — quiz tomar parte no jubileu nacional, na apotheose universal, depondo junto ao seu glorioso pedestal o tributo da minha reverencia e admiração, como a mais simples, mas sincera das offertas na lingua que Camões e Vieira tanto illustraram, e que o intrepido argonauta nos trouxe a par das sublimes doutrinas de Christo; e ao usar do lapis tracei o que se vae lêr, nos breves ocios que me deixaram os serviços officiaes.»

E explicando melhor, com uma nobre modestia o seu intento, o sr. Roque Miranda accrescenta:

«A apparição d'este livro não pretende o amor vaidoso de me ostentar no procenio litterario; é apenas a satisfação de uma divida — Homenagem e reconhecimento ao genio portuguez.»

No poema, que é vigoroso e canoro ao mesmo tempo, ha bellas imagens arrojadas e de um brilhantismo épico muito notavel.

Assim o comprehenderam já varios entendedores, que exigem do sr. Roque Miranda, o não se deter na formosa estrada da poesia, especialmente a heroica, para a qual tem incontestavel aptidão e de que o presente poemeto é prova valiosa.

Jornal das Crianças — *1 de Janeiro de 1899. — Typ. R. N. do Loureiro, 25 — Lisboa.*

Com a data acima, publicou-se o n.º 2 d'esta nova revista para as creanças, dirigida pelo sr. H. Silveira, de Lisboa.

O *Jornal das Crianças* é uma publicação quinzenal, a primeira que no seu genero apparece impressa em portuguez, profusamente illustrada com gravuras e chromos, e visando exclusivamente ao recreio e instrucção infantis.

Cada numero do jornal é methodicamente graduado, de forma que as crianças, de todas as idades, encontram n'elle sempre assumpto que lhes interessa, desde as primeiras noções de leitura, até á historia. Insere muitas curiosidades proprias ao fim que se destina e pelo que lhe auguramos longo futuro.

A Industria — *O Ministerio das obras publicas, commercio e industria em 1893 (de 23 de fevereiro a 20 de dezembro), por Bernardino Machado — Typographia França Amado — Coimbra — 1898.*

Com o presente volume começa o sr. conselheiro Bernardino Machado, o operoso lente da nossa universidade e preclaro pedagogo, a publicação dos trabalhos a que presidiu durante a sua gerencia ministerial; os quaes condensou em tres volumes *A agricultura*, *A Industria* e *Os meios de communicação e o commercio*, subordinando-os ao titulo geral de *O ministerio das obras publicas, commercio e industria em 1893*.

N'este volume — *A Industria*, estão compiladas as variadas disposições legaes promulgadas pelo sr. conselheiro Bernardino Machado, relativas á industria.

Entre esses documentos avulta o *Regulamento para o trabalho dos menores e das mulheres*, notavel documento legislativo que muito honra o ministro que o subscreveu e o paiz que o possue, tendo Napias declarado, perante a sociedade de medicina publica de Paris, em sessão de 26 de fevereiro de 1896, que a legislação portugueza de protecção ás mulheres empregadas na industria é mais completa que a da França e muitos outros paizes que citou.

A descentralisação do ensino industrial, as escolas industriaes, a socialisação industrial, fomento, etc., etc., são interessantissimos capitulos, de cujo estudo se vê quanto a industria portugueza deve ao illustre homem de sciencia.

A todos que se interessam pelo progresso e bom nome do nosso paiz indicamos o presente volume, porque com o conhecimento d'elle muito ha que folgar.

Phalenas, *com uma parte sobre assumptos indianos, por Floriano Barreto. — Typographia «Rangel» — Bastorá — 1898.*

A primeira parte d'esta collecção de poesias intitula-se *Indianas* e contem as contribuições com que o auctor quiz solemnisar a celebração do centenario, pelo que a commissão local executiva na India portugueza mandou imprimir á sua custa o presente volume.

N'essa primeira parte o sr. Floriano Barreto intercalou a traducção de alguns *mandós*, canções da terra, esforçando-se por trasladal-os a portuguez com a fidelidade compativel a taes amostras da poesia goana. Dá exemplos dos tres typos conhecidos de *mandós* e entre elles os politicos, genero um pouco escabroso pelas allusões pessoaes.

Primicias e *Vôos timidos* são os suggestivos titulos das outras partes das *Phalenas*, composições na sua maioria pertencentes aos primeiros annos da mocidade de Floriano Barreto. D'ellas destacamos, para amostra, a seguinte sonetilha intitulada:

O PEGUREIRO E O MONGE

Nas ruinas d'um mosteiro
meditava um velho monge,
emquanto soava ao longe
a canção d'um pegureiro.

Sentado n'um mausoléo,
immerso em profunda magoa,
com os olhos razos d'agoa,
elle olhava para o céo.

E emquanto ao longe se ouvia
um cantico d alegria
entoado pelo pastor,

chorava o bom d'este frade
vendo em ruinas, com saudade,
o mosteiro do Senhor.

Como se vê a factura é excessivamente simples, mas revela dotes de naturalista, que n'outras composições mais se accentuam.